

# Clima de tensão domina Brasília desde a manhã

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

As insatisfações geradas pela escolha do novo Ministério afloraram ontem, das mais diversas formas, no governo federal, tendo como carro-chefe a entrevista concedida pelo líder do Executivo no Congresso Nacional, senador Fernando Henrique Cardoso, lançando pesadas acusações à Nova República e particularmente ao presidente José Sarney. Este utilizou-se de velha arma, de que faz uso sempre que está acuado: recolheu-se e calou-se. Traiu-se por um termômetro, o porta-voz Fernando César Mesquita, que neste primeiro ano de governo tem dado a temperatura dos tempos no Distrito Federal. Ao entregar aos jornalistas credenciais no Palácio do Planalto a carta em que Fernando Henrique demitia-se da liderança, desabafou sem esconder o seu nervosismo: "Tome esta porcaria", disse referindo-se ao texto da carta em que se lê a palavra "expus" com "z".

O clima de tensão que reinou ontem em Brasília começou logo pela manhã, quando o presidente José Sarney convocou ao Palácio do Planalto os ministros Almir Pazzianotto, do Trabalho, e o da Previdência e Assistência Social, Raphael de Almeida Magalhães, para a reunião que tinha normalmente com os ministros da Fazenda, Dílson Funaro; do Planejamento, João Sayad; dos gabinetes Civil e Militar, respectivamente Marco Maciel e Bayma Denys e com o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes. Nela foi examinada a nova Lei de Greve e Pazzianotto teria dito: "Com esta lei eu não fico", e teria se demitido do cargo para candidatar-se à vice-governança de São Paulo na chapa de Orestes Quércia.

A história da demissão de Paz-

zianotto só foi desmentida à noite, pelo próprio ministro e pela assessoria do Palácio do Planalto, já que ganhou mais corpo à tarde, quando o ministro do Planejamento, João Sayad, voltou ao Palácio do Planalto para um encontro de mais de uma hora com o presidente José Sarney, e quando Pazzianotto não compareceu a uma audiência de agenda com o presidente. Sayad estaria examinando a hipótese de congelamento de salários e preços, e a Lei Delegada nº 4, que permite o seqüestro de bens para efeitos especulativos. Também por isto, Pazzianotto estaria demissionário.

O comportamento estranho do ministro João Sayad serviu para reforçar a tese. Ele passou o dia fugindo da imprensa e, pela primeira vez, serviu-se da garagem do Ministério do Planejamento para não falar à imprensa, e evitar um único assunto: "Enfeite de bolo", uma expressão utilizada pelo senador Fernando Henrique Cardoso para definir a sua atuação no Ministério. A assessores, acabou confessando que não está sendo ouvido nas decisões econômicas de governo.

Ouvido Sayad pode não estar sendo, mas pelo menos lhe informam de alguma coisa: a inflação deste mês estaria em 15,2%, segundo disseram assessores categorizados do Ministério. E mais: a economia seria desindexada na reunião do Conselho Monetário Nacional, amanhã. João Sayad só é informado dos fatos, sem influir para que eles aconteçam: roubaram-lhe o secretário-geral, Andrea Calabi. Funaro vai levá-lo para ser secretário do Tesouro. Ele quer que o secretário-geral do Ministério da Ciência e Tecnologia, Luciano Coutinho, vá para a Seplan. Só que Luciano não aceita ir para um Ministério totalmente esvaziado. Te-

rá que contentar-se com Henry Philipe Reischul, hoje na Secretaria especial de Controle das Estatais.

Já para o Ministério da Fazenda ninguém desiste de ir: o atual presidente da Vasp, Antônio Angarita, não hesita em trocar um cargo tão cobiçado pela Secretaria da Receita Federal, onde o titular tem praticamente direito de vida ou morte sobre o cidadão brasileiro. Quem também continua a insistir, contra a vontade do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, é o presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans de Magalhães, "queimado" desde que se rebelou contra a decisão de retirar do banco a "conta movimento". Calazans ficou a favor dos funcionários de carreira, como ele, e caiu em desgraça. Sua demissão era dada ontem como certa.

Como que para fugir do centro de atenções, o presidente José Sarney acabou saindo mais cedo do Palácio do Planalto, e recolheu-se ao Alvorada às 18h40, quando tem sido sua rotina sair depois das 20 horas. Mas nem aí teve sossego. Ainda recebeu Ulysses Guimarães, o presidente da Câmara e do PMDB, por cerca de 10 minutos, e o ministro chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, que para evitar a imprensa mandou imprimir grande velocidade ao automóvel. Teria recebido também o ministro da Administração, Alufio Alves, e o senador Severo Gomes. Enquanto isto, Pazzianotto deslocava-se de um lado para outro: esteve no Ministério da Fazenda, com Dílson Funaro, depois no Gabinete Civil, com Marco Maciel — os dois superministros da Nova República. Mas acabou negando que estava demissionário. Não negou, porém, que pudesse ser candidato a vice-governador, o que o obriga a deixar o ministério.